

FREITAS, Francisco Roberto de. **A influência da dança na formação identitária do Corpo~Cordão**. Brasília: UnB. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – PPG-CEN/UnB; Orientador Paulo Petronílio Correia.

## RESUMO

O Cordão Grupo de Dança, criado em Teresina – PI, com estudantes e egressos da Escola Municipal Porfírio Cordão, completou, em fevereiro/2015, 10 anos de existência com um trabalho pautado na busca de aliar o fazer artístico a conceitos educativos e de inclusão. Crianças, jovens e adultos transitaram pela formação de *identidades abertas*, tal como a ideia de uma *identidade híbrida* (HALL, 2006), em meio a estudos/pesquisas que tiveram como principal fio condutor a dança contemporânea. O intuito deste artigo é refletir sobre algumas práticas realizadas no e pelo Corpo~Cordão<sup>1</sup>, durante seus 10 primeiros anos de existência (2005-2015). Partindo de relatos sobre: *corpo e comunicação* (KATS; GREINER, 1998), *dança-educação* (FREIRE, 2001), *memória corporal* (NAVAS, 2009), e *identidade* (HALL, 2006; BHABHA, 2014; SILVA, 2007; BAUMAN, 2005), dentre outros, propõem-se aqui uma discussão sobre a influência que a dança assume na formação identitária de indivíduos dançantes, com vista em uma pesquisa cartográfica (DELEUZE; GUATTARI, 2014).

**Palavras-Chave:** Corpo~Cordão. Dança. Identidade. Cartografia.

## ABSTRACT

The Cordão Dance Group, created at Teresina-Piauí, with students and graduates of the Porfírio Cordão Municipal School, had completed on February/2015, 10 years of existence with a work guided by the search of allying its artistic work to an educative concept and inclusion. Children, young and adult people transited by forming *opened identities* such as the idea of a *hybrid identity* (HALL, 2006), through studies/researches whose main thread was the contemporary dance. The purpose of this article is to reflect some practices carried out in and by the Corpo~Cordão<sup>1</sup> during its first 10 years of existence (2005-2015). Starting from reports about: *body and communication* (KATS; GREINER, 1998), *dance education* (FREIRE, 2001), *body memory* (NAVAS, 2009) and *identity* (HALL, 2006; BHABHA, 2014; SILVA, 2007; BAUMAN, 2005), among others, it is proposed here a discussion of the influence that dance takes on the identity formation of dancing people, with a view on a cartographic survey (DELEUZE; GUATTARI, 2014).

**Keywords:** Corpo~Cordão. Dance. Identity. Cartography.

## O fio da meada

---

<sup>1</sup> Corpo~Cordão é aqui considerado como cada um dos membros em particular, sujeitos com suas individualidades e diferenças, bem como o conjunto de pessoas que forma o Cordão Grupo de Dança. Tal binômio está unido pela marca tipográfica “til” devido à possibilidade de esta representar um caminho sinuoso, maleável, não linear em sua composição, caminho a ser transposto para a própria formação identitária daquele corpo.

O Cordão Grupo de Dança é formado por crianças, jovens e adultos, estudantes e egressos da Escola Municipal Porfírio Cordão, localizada nos arredores de Teresina, capital do Piauí. Em fevereiro de 2015 completou 10 anos de existência e, ao longo desse tempo, desenvolveu, com dança, um trabalho que alia o fazer artístico a objetivos educativos e de inclusão, chegando a lograr êxito em apresentações competitivas realizadas em festivais de nível internacional. Essa iniciativa mostrou-se de grande valor na formação daqueles sujeitos, artistas/educandos integrantes do grupo, no que concerne à composição de representações relativas a questões de formação identitária (HALL, 2006) e, à própria *cidadania da dança*, que se observa através da *memória corporal* de um *corpo social* (NAVAS, 2009) produzido, dentre outras, por meio da cultura da dança.

O objeto de estudo dessa pesquisa é o Corpo~Cordão (ver nota 1). O binômio Corpo~Cordão surge a partir da ideia de que o corpo é o cordão que ata o sujeito ao mundo em que ele vive, pois é por meio do corpo que os indivíduos afetam e são afetados pelo ambiente que os rodeia; é no corpo que se materializam as subjetivações das identidades possíveis, e simbolizam “[...] a tonalidade de sua relação com o mundo” (LE BRETON, 2013, p. 193). Desde seu nascimento, em fevereiro de 2005, aquele corpo desenvolve suas atividades a partir de técnicas e processos diversos, tais como: balé clássico, dança contemporânea, contato improvisação, canto, teatro, pesquisa de movimentação livre ou temática, criação em dança e dança-teatro.

## O desenrolar do Corpo~Cordão

Observa-se que os processos desenvolvidos no e pelo Corpo~Cordão, ao longo daqueles 10 anos, tiveram implicações que interferiram na formação identitária daqueles partícipes, inicialmente crianças e adolescentes, muitos hoje já adultos, e, considerando que o indivíduo “[...] desde seu nascimento, armazena em seu corpo informações de experiências alheias, dando início a uma literatura corpórea, informações que seguem escritas e gravadas tanto no inconsciente quanto no tônus muscular [...]” (FACHADA, 2005, p. 144), acredita-se que a forma como o desenvolvimento corporal foi abordada no e pelo Corpo~Cordão, constituiu uma influência positiva para a composição de uma “identidade marcada pela diferença” (WOODWARD, 2000, p. 9), ou seja, para a formação de um sujeito com representações construtivas no concernente a seu relacionamento social com o outro, na contemporaneidade.

É notório *a olho nu*, que as sociedades contemporâneas passam atualmente por inúmeras transformações que influenciam, a cada momento, o comportamento das pessoas e o modo como estas assumem e/ou utilizam suas identidades, o seu modo de ser/estar no mundo, (inter) agindo em/com seus *campos sociais* (BORDIEU, 1996), intencionalmente ou não. Tais transformações, comunicando-se com a própria ideia de formação identitária na pós-modernidade (HALL, 2006), nas quais não se tem uma identidade, mas várias, e que estas não são fixas e sim *fluidas* e *cambiantes* (WOODWARD, 2000), acaba por nos remeter a ideia de Homi Bhabha sobre um *entre-lugar*, um *não-lugar*, uma resultante de cruzamentos de espaços e tempos que transitam entre si produzindo “figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão” (BHABHA,

2014, p.19).

A performance do Cordão Grupo de Dança em sua primeira década de existência atuou como a ideia de um *rizoma* (DELEUZE; GUATTARI, 2014) quando da crescente de suas conexões entre os diversos campos sociais a que estava conectado e/ou conectando-se. A performatividade vivenciada/apresentada através da dança do Corpo~Cordão começou a influenciar visivelmente o cotidiano não só de seus membros como também da comunidade em que aquele se inseriu, ou seja, começou a interagir em sua sociedade. Hall, acerca das ideias de Ernest Laclau sobre as chamadas sociedades da modernidade tardia, coloca que estas “[...] são caracterizadas pela ‘diferença’; elas são atravessadas por diferentes ‘posições do sujeito’- isto é, identidades – para os indivíduos.” (2006, p. 17). A condução de qualquer intervenção na vida de um/a jovem que vive a chamada modernidade tardia, pós-modernidade, ou mesmo a contemporaneidade, principalmente em um ambiente escolar, não poderia partir senão da premissa de que cada aluno é um indivíduo, “cidadão do mundo, antes que de uma cidade ou uma região” (LE BRETON, 2013, p. 62), com todos os seus atravessamentos, todas as suas relações próprias com diversos campos sociais, tais como: o escolar, o familiar, o religioso, dentre muitos outros, onde cada campo induz/produz uma identidade específica, e que, tais atravessamentos, comunicam-se diretamente com as limitações, proibições e obrigações implícitas na vida em sociedade.

Na Escola Municipal Porfírio Cordão os alunos e alunas são convidados a participarem do grupo de dança, que tem como foco principal a Dança Contemporânea e através da qual são estimulados à percepção de si mesmos, bem como a percepção do mundo que os rodeia e, por conseguinte, a relação entre tais percepções. Fala-se de percepção, pois, concordando com Bonnie B. Cohen, "através da exploração de processos perceptivos, nós podemos expandir nossas escolhas em respostas a nós mesmos, aos outros e ao mundo no qual vivemos" (COHEN apud FREIRE, 2008, p. 3) e, através de uma percepção ampliada de mundo em um *corpo-território* – termo utilizado por Cássia Navas para falar que o corpo do bailarino é o primeiro território da dança –, "que se estrutura em forma de arte" (NAVAS, 2009, p. 1), passa a se (re) configurar compartilhando com o mundo a sua nova *cultura corporal*, sendo que, este *corpo-território*, é constituído de saberes biológicos, culturais e de identidade.

O corpo do bailarino, território da dança, também é um território de vigília e punição. Tal qual a família, a igreja e outros campos sociais

A escola, por exemplo, é o lugar por excelência do controle que vigia e pune o corpo ao mesmo tempo. Com isso, o corpo humano entra numa maquinaria de poder que o desarticula e o recompõe e esquadrinha, vigia ao mesmo tempo que pune os corpos, disciplinando-os. Desse modo, pensar a cultura e os processos de subjetivação a partir do corpo é inseri-lo em sua malha cultural já que ele é construído pela cultura e pela linguagem. (PETRONÍLIO, 2015, p. 2).

O Corpo~Cordão nasceu com a possibilidade de interferir, como assim o fez, naqueles atravessamentos, naquela cultura, proporcionando um local de reflexão/percepção de outras realidades possíveis, relativas aos diversos campos sociais nos quais aquele corpo estava inserido, e onde poderiam utilizar com propriedade “o corpo como expressão e a fala” (MERLEAU-PONTY, 2015, p. 237). O que não se tinha certeza, era de saber até que ponto as atividades propostas e

vivenciadas no e pelos membros do grupo iriam interferir, de forma positiva, no senso de pertencimento daqueles jovens, mas que, ao se pensar em possíveis objetivos para se desenvolver a arte da dança em um ambiente escolar, ou seja, onde natural e cotidianamente as pessoas se colocam no lugar do “entre”, um lugar de passagem, de aprendizado, de mudança, de percepção, nos levou a um mínimo de intenção em interferir objetivamente na transformação da realidade pessoal de cada membro do Corpo~Cordão, ou como disse Fredric Jameson: “a transformação da própria esfera da cultura na sociedade contemporânea” (1997, p. 31).

## **Dança e Identidade**

Naturalmente a dança, como toda e qualquer arte, tem seus caminhos particulares de provocação/intervenção, relativos à comunicação entre o corpo e o mundo que o cerca. Às vezes, “o que limita ou impede que o dançarino execute um determinado gesto de dança não é uma dificuldade de ordem mecânica e sim a impossibilidade de abordar esse gesto sob uma nova ótica, distinta daquela definida pelo seu hábito motor” (SOTER, 2006, p. 116). Em qualquer ambiente, seja este voltado para atividades artísticas, educativas e/ou de lazer, colocar um corpo para dançar significa interferir no seu processo de adaptação com o meio, pois, no mínimo, aquele corpo se relacionará, com o mesmo meio, de formas diferentes daqueles que não tiveram nenhuma experiência prática com alguma atividade de dança – atividade especializada no movimento corporal. Foi em grande parte com dança que o Corpo~Cordão teceu suas identidades.

Pensar em identidade é pensar em questionamento. Todo indivíduo, em todo e qualquer momento de sua vida, partindo de seu corpo ou não, coloca em cheque o seu eu, relativo a si mesmo ou em relação ao outro, ou aos outros, outros indivíduos, outros campos sociais, outras formas de ver/ser/perceber e assim, viver. Faz-se valer uma presença latente de múltiplas identidades que vão se provocando ora pela identificação ora pelo contraponto de uma em relação às outras, chegando a ser considerada, por muitos, como aquela simplificação de senso comum que afirma: *é crise de identidade*. E na verdade o é, mas não de forma banalizada, aqui se prefere pensar em hibridização, ou até mesmo em uma “dialética das identidades” (HALL, 2006, p. 83).

[...] todos vivemos, quase que cotidianamente, em crise; crise da economia, especialmente a do desejo, crise dos modos que vamos encontrando para nos ajustar na vida - mal conseguimos articular um certo jeito e ele já caduca. Vivemos sempre em defasagem em relação à atualidade de nossas experiências. Somos íntimos dessa incessante desmontagem de territórios: treinamos, dia a dia, nosso jogo de cintura para manter um mínimo de equilíbrio nisso tudo. Temos de ser craques em matéria de montagem de territórios, montagem, se possível, tão veloz e eficiente quanto o ritmo com que o mercado desfaz situações e faz outras. (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 11-12).

A crise na (s) identidade (s) característica (s) da adolescência – principal fase presente no Corpo~Cordão, na década em questão –, assim como em outras fases da vida, representa um período de mudanças corporais, psicológicas, sociais e sim, identitárias. Envolve muito mais do que geralmente se observa, e, nas sociedades contemporâneas, acredita-se, tenha influenciado alguns estudiosos a reverem a própria temporização do desenvolvimento humano, como nos coloca Natália Raggi:

Alguns autores utilizam as expressões “desregulação” e “descronologização” do curso de vida.

A “desregulação” significa que as regras que regulam as diferenças entre as idades e os modos de transição de um momento para outro já não exprimem as formas como os indivíduos vivem as diferentes fases do ciclo de vida. A “descronologização” significa que as marcas temporais que regulam a entrada na vida adulta não obedecem, necessariamente a uma sincronia, ou seja, os modos de acesso à vida adulta implicam em tempos diversos para a entrada no mundo do trabalho, constituição de nova unidade familiar, saída da casa paterna e conclusão da escolaridade. Além de não serem sincrônicas, estas etapas são não-lineares, configurando o que Pais (1994) denomina “geração yô-yô”, marcada por “idas e vindas” frequentes: saída e volta da casa dos pais, emprego e uniões conjugais provisórias, entre outros (2010, p. 38).

Geração yô-yô, idas e vindas, expressões que denotam movimento, movimento que desloca, que provoca um não se manter no mesmo lugar por muito tempo, lugar por onde se transita, planos diferentes e ao mesmo tempo pertencentes a um mesmo mundo, o globalizado, um mundo pós-estruturalista em busca de uma política de identidade.

Segundo Homi Bhabha existe uma demanda que surge de “[...] outras questões de significação e desejo, cultura e política” (2014, p. 92). Ao tratar sobre um contraponto entre uma possível consciência simbólica, que seria responsável pela *profundidade* do signo da identidade, e uma dimensão de duplicação, chamada por ele de “[...] terceira dimensão’ do enquadramento mimético ou imagem visual da identidade” (Ibid.), Bhabha nos trás algumas considerações de Roland Barthes sobre o desenvolvimento de uma dimensão verticalizada, *totêmica*, onde o significante constitui sempre um elemento determinado, e o que realmente interessaria no signo seria seu significado, e acrescenta: “para o discurso pós-estruturalista, a prioridade (e o jogo) do significante revela o espaço da duplicação (e não da profundidade), que é o próprio princípio articulador do discurso” (BHABHA, 2014, p. 93), um discurso que cresce e toma corpo na problemática da *sujeição* e da *identificação*. Nesse sentido

As identidades e as lealdades políticas também tem sofrido mudanças: lealdades tradicionais, baseadas na classe social, cedem lugar à concepção de escolha de “estilo de vida” e à emergência da “política de identidade”. A etnia e a “raça”, o gênero, a sexualidade, a idade, a incapacidade física, a justiça social e as preocupações ecológicas produzem novas formas de identificação. (WOODWARD, 2000, p. 31).

Pensando sobre as escolhas individuais de cada sujeito, a partir do momento que uma pessoa consegue, em certa medida, auto afirmar-se, mesmo que por pouco tempo, significa dizer que essa pessoa atingiu um patamar de redefinição de sua identificação dentro de seu próprio mundo, e posteriormente no mundo dos outros, tal qual um dançarino iniciante que tem de enfrentar a vergonha de se apresentar a um público, seja este qual for e, à medida que este dançante se apropria daquele espaço, e admite seu desejo de compartilhá-lo com os outros, seu devir espectador, encontra um lugar distinto, mas que também é um lugar de contradição. Ao falar de *concepções de identidade*, Hall trás a premissa de que “dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas [...]” (2006, p. 13).

Imagine tal premissa agindo em um jovem, com idade entre os 12 e os 17 anos, onde por si só a fase adolescente já é considerada como uma fase de crise. Junte-se a essa um *modus operandi* de uma escola formal privilegiando a *imposição*

e a *ocultação* – “duplo mecanismo que Bourdieu e Passeron chamam de *dupla violência* do processo de dominação cultural” (SILVA, 2007, p. 35) –, a resultante sim pode ser crise sobre crise, começando pela comumente chamada de *crise de identidade*, que influencia diretamente o senso de pertencimento, a identificação, as potencialidades. Como diz Zigmunt Bauman “*a ideia de ‘identidade’ nasceu da crise do pertencimento* e do esforço que esta desencadeou no sentido de transpor a brecha entre o ‘deve’ e o ‘é’ e erguer a realidade ao nível dos padrões estabelecidos pela ideia – recriar a realidade à semelhança da ideia” (2005, p. 26).

Para Bauman as identidades flutuam no ar e só algumas delas seriam da própria escolha do indivíduo, outras seriam *infladas* e *lançadas* por pessoas à sua volta, e destaca uma necessidade de se estar atento para defender as primeiras em uma possibilidade de desentendimento com as últimas.

De um modo mais geral dever-se-á admitir que cada indivíduo, cada grupo social veicula seu próprio sistema de modelização da subjetivação, quer dizer, uma certa cartografia feita de demarcações cognitivas, mas também míticas, rituais, sintomatológicas, a partir da qual ele se posiciona em relação aos seus afetos, suas angústias e tenta gerir suas inibições e suas pulsões. (GUATTARI, 2012, p. 21).

Caso alguém resolva parar para pensar no crescente individualismo das pessoas nos dias de hoje, vai acabar refletindo sobre o que foi brevemente disposto nas ideias de Guattari (última citação) e Bauman (parágrafo anterior) e, acrescentando um *dever diferença*, natural na contemporaneidade, tais ideias tornar-se-ão ainda mais significativas se aliadas às de Silva (2007), quando este discorre sobre uma identidade *queer*.

### **Dançando uma identidade *queer***

Pensar em identidade nos dias de hoje nos leva, mais do que nunca, à ideia de diferença em oposição à igualdade, diversidade x homogeneização, até, pois no individualismo contemporâneo o *dever pessoa* constitui um *dever diferença*. Ser/perceber, sentir/agir diferente. A ideia de *pensar diferente* nos leva a uma identidade *queer* que, longe de se resumir à defesa de uma identificação homossexual, torna-se uma nova *atitude epistemológica*, não restrita à identidade e ao conhecimento sexuais, “[...] mas que se estende para o conhecimento e a identidade de modo geral. Pensar *queer* significa questionar, problematizar, contestar, todas as formas bem-comportadas de conhecimento e de identidade” (SILVA, 2007, p. 107).

Pensar *queer* significa pensar diferente, deixar fluir, não se fixar. Pensar *queer* nos leva ao pensamento de Hall, de não se ter uma identidade fixa, sólida, estagnada. Nesse sentido

Estamos agora passando da fase “sólida” da modernidade para a fase “fluida”. E os fluidos são assim chamados porque não conseguem manter a forma por muito tempo e, a menos que sejam derramados num recipiente apertado, continuam mudando de forma sob a influência das menores forças. Num ambiente fluido, não há como saber se o que nos espera é uma enchente ou uma seca – é melhor estar preparado para as duas possibilidades. (BAUMAN, 2005, p. 57).

Tais ideias acabam por nos remeter a improvisação em dança onde o corpo

dançante, o performer, deve estar preparado para a possibilidade do novo, do inesperado, agenciamentos que desterritorializam qualquer tentativa de utilização pré-estabelecida de um dado corpo, em um dado espaço. Ao improvisar o dançante instaura uma crise, uma nova ética que, de certa forma, perturba as familiaridades a que estava acostumado, sendo levado a novos signos, diferentes signos que irão, mesmo que momentaneamente, lhe atar a outros pertencimentos, a outras verdades.

O fazer-dizer da dança dribla códigos, desterritorializa. A performance da dança transporta o indivíduo para outros planos de imanência, um plano de interstício, um entre lugar onde o novo torna-se possível, novos mundos possíveis, novas identidades.

Há também um outro fenômeno a observar: a expectativa de vida cada vez menor da maioria das identidades simuladas, conjugada à crescente velocidade da renovação dos seus estoques. As biografias individuais são, com demasiada frequência, história de identidades descartadas... (BAUMAN, 2005, p. 88).

Por todo lado surgem novas identidades, vindas de diferentes lugares e indo para diversos outros, atravessando-se em cruzamentos e hibridismos cada vez mais comuns. Seja como for o desatar dos *nós* que aqui se apresentaram, acredita-se que estes apenas começaram. Sem se esquecer de que: "meio e corpo se ajustam permanentemente num fluxo inestancável de transformações e mudanças" (KATZ; GREINER, 1998, p. 91), a reflexão que aqui se faz constitui uma estratégia para o incentivo e valorização da prática, do ensino e da pesquisa em dança no intuito de utilizá-la enquanto subsídio para se pensar os processos de formação identitária de corpos dançantes, em especial do Corpo~Cordão.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. 2ª Ed. 1ª Reimpressão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

BOURDIEU, P. **Distinction**: a social critique of the judgement of taste. Trad. Richard Nice. 8ª reimpressão. Cambridge: Harvard University Press, 1996. Disponível em [http://monoskop.org/images/e/e0/Pierre\\_Bourdieu\\_Distinction\\_A\\_Social\\_Critique\\_of\\_the\\_Judgement\\_of\\_Taste\\_1984.pdf](http://monoskop.org/images/e/e0/Pierre_Bourdieu_Distinction_A_Social_Critique_of_the_Judgement_of_Taste_1984.pdf) Acesso em 16/12/2015.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs** - capitalismo e esquizofrenia, vol. 1. 2ª ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Editora 34, 2014. Coleção TRANS.

FACHADA, Rosana. Implicações do movimento corpóreo na formação do esquema e da imagem corporal da criança na dança. In **Lições de dança 5**. Org. Roberto Pereira. Rio de Janeiro: UniverCidade Ed., 2005.

FREIRE, Ida Mara. **O feminino e o sagrado na dança**: um ensaio sobre a coragem de ser. Revista Fazendo gênero 8 - corpo, violência e poder. Florianópolis: UFSC/ CED. 2008.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. 2ª ed. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 2012.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro - 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo ou a lógica cultural do capitalismo tardio**. Trad. Maria Elisa Cevasco. São Paulo: Ática, 1997.

KATZ, Helena, GREINER, Christine. A natureza cultural do corpo. In **Lições de dança 3**. Org. Silvia Soter e Roberto Pereira. Rio de Janeiro: UniverCidade Ed., 1998.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e modernidade**. Trad. Fábio dos Santos Creder. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 4ª ed. 3ª tiragem. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2015. (Biblioteca do pensamento moderno)

NAVAS, C. **Memórias-corpo, corpo-território e dança-mídia**. Comunicação VI Colóquio Internacional de Etnocenologia. Belo Horizonte, 2-5/agosto/2009. Disponível em <http://cassianavas.com.br/cartografias-tracados/universidade>. Acesso em 06/01/2015.

PETRONÍLIO, Paulo. **Performance de um corpo infame: dança e cultura**. Artefactum - Revista de estudos em Linguagens e Tecnologia, ano VII, nº 02, 2015. Disponível em <http://artefactum.rafrom.com.br/index.php/artefactum/article/view/657> Acesso em 01/11/2015.

RAGGI, Nathália. **Identidades nômades: as "tribos urbanas" e o contexto escolar**. Dissertação de mestrado depositada na Biblioteca digital da UNICAMP, 2010. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000778717> Acesso em 24/08/2015.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2ª ed. 11ª reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SOTER, Silvia. A educação somática e o ensino da dança. In. **Lições de dança 1**. Org. Roberto Pereira e Silvia Soter. 2ª ed. Rio de Janeiro: UniverCidade Ed., 2006.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In SILVA, Tomaz Tadeu da. (org) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.